



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III**  
**CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**HYANDRA GORETH RODRIGUES ALVES**

**EDUCAÇÃO SEXUAL: ESTUDO DAS PERCEPÇÕES E PRÁTICAS  
DESENVOLVIDAS POR UMA INSTITUIÇÃO DE APOIO INFANTO-JUVENIL**

**JUAZEIRO, BA**

**2022**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III  
CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

HYANDRA GORETH RODRIGUES ALVES

EDUCAÇÃO SEXUAL: ESTUDO DAS PERCEPÇÕES E PRÁTICAS  
DESENVOLVIDAS POR UMA INSTITUIÇÃO DE APOIO INFANTO-JUVENIL

Trabalho de Conclusão de Curso, Monografia, apresentado à Universidade do Estado da Bahia — UNEB, Departamento de Ciências Humanas — Campus III, como pré-requisito básico para a conclusão do Curso de Pedagogia na disciplina TCC II, sob a orientação da Profa. Ma. Clara Maria Miranda de Sousa.

JUAZEIRO, BA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

A474e Alves, Hyandra Goreth Rodrigues

Educação sexual: estudo das percepções e práticas desenvolvidas por uma instituição de apoio infanto-juvenil / Hyandra Goreth Rodrigues Alves. Juazeiro-BA, 2022.  
50 fls.: il.

Orientador (a): Profa. Esp. Clara Maria Miranda Souza.

Inclui Referências

TCC (Graduação – Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus III. 2022.

1. Educação sexual para crianças e adolescentes. 2. Pedagogia – Perspectivas dos educadores. 3. Práticas educativas – Educação sexual. 4. Educação infanto-juvenil – Pedagogia. I. Souza, Clara Maria Miranda. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 613.951

HYANDRA GORETH RODRIGUES ALVES

EDUCAÇÃO SEXUAL: ESTUDO DAS PERCEPÇÕES E PRÁTICAS  
DESENVOLVIDAS POR UMA INSTITUIÇÃO DE APOIO INFANTO-JUVENIL

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Universidade do  
Estado da Bahia – UNEB/DCH III como requisito parcial para a obtenção do  
título de Graduação em Pedagogia.

Aprovado em: 21/12/22

BANCA EXAMINADORA

Clara Maria Miranda de Sousa

Profª Ma. Clara Maria Miranda de Sousa  
(Orientadora)

Josemar da Silva Martins

Prof. Dr. Josemar da Silva Martins  
(Membro)

Silva

Profª Ma. Antoneide Santos Almeida  
(Membro)

Este trabalho é dedicado a uma garotinha de 9 anos, vítima da negligência da ausência da Educação Sexual na escola, sendo negada tais informações e uma rede de apoio necessária. Essa garotinha que incentivou todo o início da pesquisa e a ela é dedicado todo o resultado deste e dos demais trabalhos que ainda estão por vim.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, aos meus pais, Tony e Marineide que além do dom da vida sempre me apoiaram e embarcaram em todos os meus sonhos. Sou grata ao meu irmão Neto, meu parceiro de vida, alma e coração. Assim como Luc (cachorro de estimação) com toda inocência foi a minha força todos os dias. A minha vó e irmã de coração que de lá de cima sei que torcem pelo meu sucesso. Minha dupla de faculdade e melhor amiga, Taylane que compartilhou todas as reclamações acadêmicas e pessoais durante esses 4 anos de graduação. Assim como meu amado companheiro Cicero que me ouviu reclamar do TCC sem deixar de me amar, seu apoio nesse processo foi gratificante. Agradeço aos professores que me acompanharam durante essa estadia na UNEB e em especial a a banca escolhida para essa primeira leitura e aprovação a minha querida criação, a incrível orientadora Clara Maria a quem sou muito grata por todo apoio durante esse período importante, sinto que era a pessoa certa para dividir comigo esse momento. Agradeço imensamente a todos que me apoiaram que apesar dos surtos durante esse período sempre me incentivaram e acreditaram na minha capacidade.

“Para viver em sociedade, o homem tem que abdicar de sua natureza individual.”

Sigmund Freud

## **LISTA DE SIGLAS**

UNEB- Universidade do Estado da Bahia.

ES- Educação Sexual

ECA - Estatuto da criança e do adolescente

CF - Constituição Federal

MESP - Movimento Escola Sem Partido

MEC - Ministério da Educação

SEDUC - Secretária da Educação do Estado

ISTs - Infecções sexualmente Transmissíveis

PL - Projeto de Lei

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PROAF - Programa de autonomia financeira

## **RESUMO**

A presente pesquisa tem como finalidade retratar as perspectivas e as práticas desenvolvidas na instituição de apoio infanto-juvenil local de estudo dessa pesquisa, com a intenção de conhecer o espaço e corpo pedagógico, como compreender as concepções e as práticas acerca da Educação Sexual. Bem como as divergências acerca das leis e parâmetros educacionais com essas práticas desenvolvidas pelos educadores e a instituição. Foram convidadas para participar do estudo 4 professoras do Ensino fundamental, três especificamente do 3.º e 4.º anos do ensino fundamental. Uma percorre em todas as turmas do Ensino fundamental e a coordenadora do Ensino fundamental da Instituição. A investigação foi feita a partir de estudos textuais e entrevistas semiestruturadas, usando o método de Bardin na análise de conteúdo, compreendendo as considerações dos educadores a respeito de uma formação carente no que se refere a Educação Sexual no ensino do professor. É possível perceber que as percepções dos educadores estão voltadas ao corpo educado, restringindo a ES as questões biológicas e físicas do corpo, e as suas práticas são desenvolvidas em sala apenas quando o aluno resolve questionar sobre ou na disciplina de ciência quando surge o assunto de cuidado com o corpo, higiene ou as partes íntimas do corpo e o professor aborda a temática muitas vezes com receio.

**Palavras-chave:** Educação Sexual; Instituição; Educadores; Percepções; Práticas.

**ABSTRACT:**

The purpose of this research is to portray the perspectives and practices developed in the child and youth support institution where this research was studied, with the intention of knowing the space and pedagogical body, how to understand the concepts and practices regarding Sexual Education, as well as as the divergences about the laws and educational parameters with these practices developed by the educators and the institution. Four elementary school teachers were invited to participate in the study, three specifically from the 3rd and 4th grade. One goes through all classes of Elementary Education and the coordinator of Elementary Education of the Institution. The investigation was carried out based on textual studies and semi-structured interviews, using Bardin's method in content analysis, including the educators' considerations regarding a lack of training with regard to Sexual Education in teacher education. It is possible to perceive that the educators' perceptions are focused on the educated body, restricting the biological and physical issues of the body to SE, and their practices are developed in the classroom only when the student decides to question about or in the discipline of science when the subject of care for the body, hygiene or the intimate parts of the body and the teacher often approaches the subject with trepidation.

**KEYWORDS:** Sexual Education; Institution; Educators; Perceptions; Practices.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Participantes do Estudo .....	28
Tabela 2 - Formação das participantes .....	29
Tabela 3 - Identificação dos participantes .....	32

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 BASE INVESTIGATIVA .....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 A sexualidade e a Educação Sexual.....</b>	<b>19</b>
<b>2.2 Educação Sexual na formação do professor.....</b>	<b>22</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS.....</b>	<b>25</b>
<b>3.1 Tipo de Estudo .....</b>	<b>25</b>
<b>3.2 Lugar do Estudo.....</b>	<b>26</b>
<b>3.3 Participantes.....</b>	<b>27</b>
<b>3.4 Instrumentos .....</b>	<b>30</b>
<b>3.5 Procedimentos .....</b>	<b>30</b>
<b>3.6 Análise de dados.....</b>	<b>31</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>34</b>
<b>4.1 Formação inicial x Formação continuada.....</b>	<b>34</b>
<b>4.2 Percepção sobre Educação Sexual.....</b>	<b>37</b>
<b>4.2 Práticas docentes em Educação Sexual .....</b>	<b>39</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>48</b>
<b>TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO .....</b>	<b>48</b>
<b>QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO.....</b>	<b>50</b>
<b>Roteiro de entrevista semiestruturada.....</b>	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No momento que iniciamos o debate sobre Educação Sexual (ES), de imediato se pensa em relações sexuais e intimidade afetiva. Apesar disso, a Educação Sexual está para auxiliar em assuntos como afeto, intimidade, emoção, sentimento e bem-estar. Para aprender sobre a ES é importante antes de tudo entender que ela não se limita ao ato sexual, assim como o seu local de abordagem não se limita apenas no ambiente escolar e familiar, mesmo sendo esses espaços a sua maior concentração de abordagem.

Nas escolas o tema é visto de forma superficial nas propostas curriculares do componente de Ciências em uma parte dos conteúdos ministrados e o objeto do conhecimento que chega mais perto ao tema é “vida e reprodução”, tratando de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs); métodos contraceptivos, e em algumas séries se restringe aos cuidados do corpo e higiene pessoal.

A inclusão do Movimento Escola Sem Partido (MESP), movimento político iniciado pelo jurista Miguel Nagib ainda no ano de 2004 como objetivo principal de combater o que ele chamava de “doutrinação política e ideológica” apoiado de pessoas conservadora da sociedade, liderada por políticos de extrema-direita e pais que defendem o avanço da educação conservadora, o movimento é justificado como tentativa de implementar o projeto no Brasil como uma iniciativa de pais e estudantes contra a ideologia política das escolas brasileiras, possuindo ideologias religiosas.

O Projeto de Lei (PL) n.º 7.180 de 2014; (PL n.º867/2015) tem levado discussões e debates para a câmara de vereadores, assembleia legislativa e congresso nacional e se fortaleceu no Brasil no ano de 2014 nas manifestações que defendia o impeachment da presidenta Dilma Rousseff e foi apresentado e protocolado no Congresso Nacional por pessoas como o senador e pastor Magno Malta<sup>1</sup> do partido liberal (PL) e a deputada Bia<sup>2</sup> Kicis (PL).

O projeto afirmava que o ensino brasileiro estaria sendo imposto pelos professores de esquerda uma doutrinação no ensino, impondo suas ideologias

---

<sup>1</sup> Magno Pereira Malta é um pastor evangélico, fundamentalista religioso, cantor e político brasileiro, filiado ao Partido Liberal.

<sup>2</sup> Bia Kicis, é uma advogada, ativista, youtuber e política brasileira, filiada ao Partido Liberal.

políticas, de gênero, sexualidade, étnico raciais e outros, o movimento chegou a elaborar um anteprojeto que prevê a fixação de um cartaz em sala de aula com deveres do professor deixando a educação mais restrita, impedindo que os professores abordassem em sala sobre os temas citados a cima, como também não poderia fazer parte dos livros didáticos ou o projeto pedagógico das escolas, deixando a Educação Sexual ainda mais de escanteio retrocedendo e negligenciando este ensino que foi vigiado, censurado e limitando o posicionamento crítico dos professores.

Outro projeto de lei protocolado foi a PL 246/19, que autorizava os alunos a gravarem as aulas para que os pais pudessem acompanhar de perto o desenvolvimento pedagógico da escola. Professores afirmam que o projeto de lei prejudica a formação crítica do alunado e a liberdade pedagógica do professor que acaba sendo apenas um transmissor de conhecimento que deve seguir padrões impostos pelo governo, criando cidadãos alienados.

De outro modo no âmbito familiar, os pais possuem receio de abordar o assunto, pois para alguns pode incentivar os jovens a iniciarem a vida sexual precocemente. Outro fator é o desconforto, constrangimento e timidez dos pais para lidar com questões ligadas a sexualidade e suas consequências causadas pela mídia moderna que vem se tornando um elemento de formação muitas vezes maior que a formação escolar.

Os pais não têm ideia de como o diálogo pode ser iniciado e conduzido, esperando que os filhos iniciem este diálogo com dúvidas e perguntas. Mostra-se como um momento que atenua o constrangimento, levando a negação do discurso e a sistematização silenciosa, dando espaço a mídia para propagação, discursos produzidos e expostos nas reproduções midiáticas.

Segundo Almeida e Centa (2013) ao realizar uma pesquisa no Paraná concluiu que a atitude dos pais e educadores de negligenciar a Educação Sexual está ligada ao fato da antiga geração ter vivenciado uma educação sexual escassa, deixando marcas negativas ainda presentes, dificultando a comunicação relacionada à sexualidade, essas marcas negativas surgem com a falta de orientação e ausência de diálogo a fim de prevenir os filhos de entrar em uma vida sexual precocemente, mas diferente do esperado acabam expondo os adolescentes à prática do sexo inseguro e a gravidez precoce e indesejada, além das Infecções sexualmente

transmissíveis, sentimentos de vergonha e culpa que é vivenciado e testemunhado pela maioria desses pais que tiveram uma ES escassa.

Dessa forma, compreendemos que a ES é um direito da criança e do adolescente e, este direito é dever tanto da escola quanto da família, auxiliando na construção da autonomia, liberdade e conhecimento sobre o seu corpo e sentimentos, formando seres críticos e comunicativos acerca do seu próprio corpo e capaz de respeitar os pensamentos e comportamentos do outro. “Deve ser preocupação dos pais e educadores que os adolescentes tenham uma educação sexual sadia, pautado em valores e hábitos condizentes com a valorização da vida e com os direitos humanos”. (GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013, p.252)

A Constituição Federal de 1988 (CF) também reafirma este direito quando diz no Art. 227 “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida...” assegurando ser um dever de todos proteger e zelar para terem uma vida digna e que não as falte nada, o Art. 227. Explicita todos os direitos para os manter seguros, desde moradia, alimentação, educação, lazer até a proteção contra a violência, abusos e explorações. E o dever de proteger as crianças não se restringe apenas a família, mas essa responsabilidade é também de toda a sociedade e do estado. Além da CF o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) na lei 8.069/1990, com alterações da lei 11.829/2008 também cita sobre estes direitos no sistema protetivo para crianças e adolescentes no Art. 5º “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.”

Observamos que os artigos da constituição e do ECA declara garantir uma vida digna para as crianças e adolescentes, protegendo da violência e maldade humana, além de resguardar os direitos a moradia, educação, lazer, alimentação os artigos protegem da violência, exploração, discriminando ainda práticas libidosas sobre pena de multa e reclusão. Concluindo que os artigos têm o objetivo de proteger crianças e adolescentes para que não tenha seus direitos violados, e se por ventura acontecer que eles obtenham a pena necessária.

Percebemos assim que a criança está bem assegurada pela lei, que indica a proteção aos direitos das crianças e adolescentes, assegurando uma infância digna

e educação de qualidade, como também a proteção as mulheres contra possíveis abusos e violências. Contudo, não se consegue identificar sobre a educação sexual na infância, visto que a criança para entender que está acontecendo com ela, ela precisa saber o que é que está acontecendo com ela.

Historicamente, a Educação Sexual no Brasil começou a ser discutida apenas no início das décadas de 1920 a 1930 com o apoio de educadores e médicos que defendia tal aspecto como parte do currículo escolar, não apenas como uma preocupação biológica, fisiológica e higienista, mas também como forma de modernizar o ensino do país. Nesse mesmo período o movimento feminista defendia a Educação Sexual como uma forma de proteger a infância e a maternidade. "Médicos e educadores em um número considerável manifestavam-se a favor da educação sexual como forma de evitar a perversão moral, as psicoses sexuais e a degeneração física, bem como assegurar a saudável reprodução da espécie". (BRUSCHINI et al., 1986, p.32).

De acordo com Figueiró (1998) a primeira tentativa de implantar a Educação Sexual aconteceu no Rio de Janeiro em 1930. A igreja católica que tinha grande poder e influência sobre a sociedade, tinha opiniões opressoras sobre o assunto e uma repulsa ao tema. Foi o motivo para que o projeto tivesse fim, causando ainda a demissão e processo do professor responsável. Nas ideias da doutrina católica, a manifestação sexual era vista como um pecado, sendo os estudantes considerados alienados pela busca de discussão em caráter social e não mais individual.

Entendemos que a ES vai além de um simples nome dado ao processo de ensino das questões sobre sexualidade, mas de saber reconhecer as funções do seu corpo, o cuidado e respeito com o mesmo. É entender que a sexualidade vai além de uma parte física, a amplitude da Educação Sexual percorre-se em diversas perspectivas, seja ela religiosa, biológica, higienista, moral, psíquica ou pedagógica. Desse modo, se idealizou a pesquisa, quando se notava a falta desta ES ou pelo menos a não divergência dessas perspectivas, encontrando sempre lacunas na educação das instituições de apoio.

Como exemplo a garota a qual foi dedicado essa pesquisa, vítima de abuso aos 9 anos de idade nunca entendeu de fato que sofreu abuso sexual, a garota conta que tentou procurar ajuda, tentou contar inclusive a sua professora da época pois tinha receio de contar aos pais visto que o seu abusador era o vizinho da garota, mas foi ignorada como se o episódio acontecido fosse natural. Com o passar

do tempo a garota se tornou professora e para não cometer o mesmo erro se aprofundou na temática e entendendo toda a complexidade da sua história.

Ao conhecer a história se tornou um grande desejo da pesquisadora compreender as percepções dos educadores sobre o tema e as práticas desenvolvidas nas instituições, podendo analisar e levar ao leitor a visão desses educadores e suas práticas na instituição levando a discussão do tema para dentro da academia e do curso de Pedagogia, mostrando a importância que o tema possui para a comunidade.

O tema não foi discutido durante os 4 anos de graduação, mas é importante que todo educador formado ou em formação tenha uma noção do assunto, visto que os alunos precisam ver sobre a ES como caráter obrigatório nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Brasil (PCNs) de 1998 como tema transversal, ou seja, temas idealizados para construir e compreender a realidade social, dos direitos e responsabilidades ligados a vida pessoal e coletiva com participação “A proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais para Orientação Sexual é que a escola trate da sexualidade como algo fundamental na vida das pessoas, questão ampla e polêmica, marcada pela história, pela cultura e pela evolução social.” (BRASIL, 1998, p. 67)

Para tanto, o Objetivo Geral da pesquisa foi compreender as percepções e práticas desenvolvidas das educadoras de uma instituição de apoio infanto-juvenil acerca da Educação Sexual. Como Objetivos específicos nos nortearmos em: Caracterizar a instituição no que compete ao atendimento pelas educadoras junto a crianças e adolescentes. Sondar as percepções das educadoras de uma instituição de apoio infanto-juvenil acerca da Educação Sexual. E identificar se as percepções das educadoras acerca da Educação Sexual corroboram com os documentos vigentes. Como pergunta norteadora, a pesquisa se baseou no seguinte problema. Quais as percepções e práticas acerca da Educação Sexual são desenvolvidas por educadoras de uma instituição de apoio infanto-juvenil?

A pesquisa fora de abordagem qualitativa, do tipo descritiva, especificamente pesquisa de campo. De início, foram feitas leituras teóricas referente ao tema, em seguida foi realizada a pesquisa de campo com característica observatória, ou seja, a observação do espaço onde foi realizado as entrevistas semi estruturadas com as professoras das turmas dos 3º e 4º ano.

Este trabalho descreve os passos dessa pesquisa realizada em uma instituição de apoio a crianças e adolescentes no qual se observou as perspectivas e práticas dos educadores acerca do tema Educação sexual, trazendo também as discussões observadas nas entrevistas com as educadoras. E está estruturada da seguinte forma: a base investigativa trazendo os conceitos da sexualidade e Educação Sexual e a ES na formação do professor.

Os procedimentos da pesquisa como a caracterização do local da pesquisa, tipo do estudo, apresentação das participantes, instrumentos utilizados e como foi realizada a análise de dados. Em seguida pode ser vista os resultados e discussões, considerações finais, referencias e os apêndices.

No texto Educação Sexual: estudo das percepções e práticas desenvolvidas por uma instituição de apoio infanto-juvenil, será possível perceber um pouco do que as professoras entendem sobre a ES e como elas trabalham o tema em sua sala de aula, o que autores como Freud, Figueró e Foucault tem a dizer sobre o tema e o que é visto em documentos como BNCC e PCNs.

## **2 BASE INVESTIGATIVA**

Para iniciar esse tópico e a discussão da Educação Sexual é importante apontar leis protetivas a favor das crianças e dos adolescentes assim como os seus direitos. Essas Leis podem ser vistas na Constituição Federal (CF) de 1988 assim como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) :

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988, p. 132)

Art. 5º — Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. Art. 240. Produzir, reproduzir, dirigir, fotografar, filmar ou registrar, por qualquer meio, cena de sexo explícito ou pornográfica, envolvendo criança ou adolescente: Pena — reclusão, de 4 (quatro) a 8 (oito) anos, e multa. Art. 241. Vender ou expor à venda fotografia, vídeo ou outro registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente: Pena — reclusão, de 4 (quatro) a 8 (oito) anos, e multa. (NR) Art. 241-A. Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, distribuir, publicar ou divulgar por qualquer meio, inclusive por meio de sistema de informática ou telemático, fotografia, vídeo ou outro registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo

criança ou adolescente: Pena — reclusão, de 3 (três) a 6 (seis) anos, e multa. Art. 241-D. Aliciar, assediar, instigar ou constranger, por qualquer meio de comunicação, criança, com o fim de praticar ato libidinoso: Pena — reclusão, de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa. Art. 241-E. Para efeito dos crimes previstos nesta Lei, a expressão “cena de sexo explícito ou pornográfica” compreende qualquer situação que envolva criança ou adolescente em atividades sexuais explícitas, reais ou simuladas, ou exibição dos órgãos genitais de uma criança, ou adolescente para fins primordialmente sexuais. Art. 214: "Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a praticar ou permitir que com ele se pratique ato libidinoso diverso da conjunção carnal." Pena: reclusão, de seis a dez anos. Art. 217: "Seduzir mulher virgem, menor de dezoito anos e maior de catorze, e ter com ela conjunção carnal<sup>2</sup>, aproveitando-se de sua inexperiência ou justificável confiança." Pena: reclusão, de dois a quatro anos. Art. 218: "Corromper ou facilitar a corrupção de pessoa maior de catorze e menor de dezoito anos, com ela praticando ato de libidinagem, ou induzindo-a a praticá-lo ou presenciá-lo." Pena: reclusão, de um a quatro anos. (BRASIL, 1990; 2008).

Visto tanto na CF e no ECA que as leis protetivas servem para proteger os direitos das crianças, como toda forma de negligência, incluindo a falta de informação e educação necessária e a proteção a exploração e violência que venham a sofrer.

## **2.1 A sexualidade e a Educação Sexual**

A Educação Sexual surgiu de princípio para preparar de forma segura os adolescentes, limitando ao caráter biológico, anatomia e a fisiologia focando para o sistema reprodutor para evitar a possível gravidez precoce e as infecções sexualmente transmissíveis, abordando a ES de forma apenas "Sexual", sem pensar no conjunto e na sua amplitude da sexualidade como parte natural da vida com objetivo pedagógico de transmitir informação e político de problematizar a discussão do tema incluindo os tabus e crenças. Essa limitação “sexual” foi uma das justificativas usadas no PCNs para incluir a Educação Sexual como tema transversal:

A partir de meados dos anos 1980, a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou devido à preocupação dos educadores com o grande crescimento da gravidez indesejada entre os adolescentes e com o risco da contaminação por HIV (vírus da Aids) entre os jovens. A princípio, acreditava-se que as famílias apresentavam resistência à abordagem dessas questões no âmbito escolar, mas atualmente sabe-se que os pais reivindicam orientação sexual nas escolas, pois reconhecem não só a sua importância para crianças e jovens, como também a dificuldade de falar abertamente sobre esse assunto em casa (BRASIL, 1997, p. 111).

Com o crescimento da necessidade de se abordar a Educação Sexual se fez necessário a inclusão nos currículos escolares como tema transversal ou ao menos

deveria ser, não sendo limitada apenas a disciplina de ciências e Biologia. Visto que as crianças e os jovens necessitam dessa orientação, mas os pais tendem a ter dificuldade de falar sobre o assunto. Freud acreditava que quanto mais a sociedade evita-se falar sobre algo, mais se era necessário falar. A sexualidade é um desses assuntos reprimidos pelas pessoas e Freud conceituava a Sexualidade de forma natural, desde as primeiras infâncias:

[...] Falando sério, não é fácil delimitar aquilo que abrange o conceito de "sexual". Talvez a única definição acertada fosse "tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos. [...] Se tomarem o fato do ato sexual como ponto central, talvez definissem como sexual tudo aquilo que, com vistas a obter prazer, diz respeito ao corpo e, em especial, aos órgãos sexuais de uma pessoa do sexo oposto, e que, em última instância, visa à união dos genitais e à realização do ato sexual. [...] Se, por outro lado, tomarem a função de reprodução como núcleo da sexualidade, correm o risco de excluir toda uma série de coisas que não visam à reprodução, mas certamente são sexuais, como a masturbação, e até mesmo o beijo (FREUD, 2006, p.309).

Freud procura mostrar uma visão limitada vista pela sociedade acerca da sexualidade, como a relação de duas pessoas, a masturbação, reprodução, a sexualidade em uma Educação Sexual biológica.

Assim como Freud, o filósofo Michel Foucault também é um dos principais nomes que abordam sobre a sexualidade como uma das suas principais ideias. Foucault escreveu uma sequência de 4 livros sobre a história da sexualidade e a sua relação com a sociedade, visto que a sexualidade faz parte das vivências da humanidade. O filósofo procura entender como a sociedade saiu de uma sociedade libertina para uma sociedade reprimida as ideias sexuais. Foucault discorre sobre a sexualidade da seguinte forma:

Em todo caso, a hipótese de um poder de repressão que nossa sociedade exerceria sobre o sexo e por motivos econômicos revela-se insuficiente se for preciso considerar toda uma série de reforços e de intensificações que uma primeira abordagem manifesta: proliferação de discursos, e discursos cuidadosamente inscritos em exigências de poder; solidificação do despropósito sexual e constituição de dispositivos suscetíveis não somente de isolá-lo, mas de solicitá-lo, suscitá-lo, constituí-lo em foco de atenção, de discurso e de prazeres; produção forçosa de confissão e, a partir dela, instauração de um sistema de saber legítimo e de uma economia de prazeres múltiplos. Muito mais do que um mecanismo negativo de exclusão ou de rejeição, trata-se da colocação em funcionamento de uma rede, sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes; não se trata de um movimento obstinado em afastar o sexo selvagem para alguma região obscura e inacessível, mas, pelo contrário, de processos que o disseminam na superfície das coisas e dos corpos, que o excitam, manifestam-no, fazem-no falar, implantam-no no real e lhe ordenam dizer a verdade: todo um cintilar visível do sexual refletido na multiplicidade dos discursos, na

obstinação dos poderes e na conjugação do saber com o prazer (FOUCAULT, 1988, p. 70 – 71).

De formas diferentes Freud e Foucault trazem à sexualidade de uma forma reprimida pela sociedade, algo que necessita de uma discussão natural, de forma mais sutil. Os dois autores querem naturalizar o discurso da sexualidade como algo sem pudor, sem a repressão que a sociedade impõe, Freud trazendo a sexualidade de forma prazerosa e natural desde das primeiras infâncias e Foucault como algo sistemático de que se é necessário falar, pois abrange vários aspectos sociais.

Já para conceituar a Educação Sexual, os autores Saito e Leal (2000) diiscrem levando a refletir e pensar a sua importância no meio educacional restringida apenas a sexo, gravidez ou ISTs:

A educação sexual é, sim, um meio e não um fim, fazendo-se clara a necessidade de haver reflexão sobre as singularidades de cada faixa etária e sobre os fatores de risco. Para isto, talvez o primeiro passo seja reconhecer a criança como ser sexuado e o adolescente desvinculado dos estereótipos que o ligam à liberação dos costumes, ao erotismo excessivo e à promiscuidade; é igualmente importante não encarar a sexualidade como sinônimo de sexo ou atividade sexual, mas, sim, como parte inerente do processo de desenvolvimento da personalidade. Não basear a orientação sexual no uso de preservativo ou método anticoncepcional, mas no resgate do indivíduo enquanto sujeito de suas ações o que favorece o desenvolvimento da cidadania e o compromisso consigo mesmo e com o outro. Essa proposição não invalida o fato de ter sempre presente a anticoncepção como parte relevante da proposta preventiva. Ela envolve conhecimentos sobre sexualidade, reprodução e prazer. Métodos anticoncepcionais deverão ser desmistificados, com o reconhecimento do baixo risco das pílulas, da ineficácia do coito interrompido e da eficiência dos preservativos, também usados para proteger a vida. (SAITO; LEAL, 2000, p. 45-46)

Saito e Leal (2000) traz a ES não apenas como uma reflexão necessária no meio social ou restringida a um determinado público, assim como Freud ele traz a criança como um ser sexuado que também precisa de atenção, de informação e uma perspectiva singular do seu desenvolvimento. Além disso, Saito e Leal (2000) quer mostrar que a Educação Sexual não está limitada a aspectos sexuais como ISTs, gravidez, mas que a sexualidade tem uma amplitude de conhecimentos que podem e deve ser abordados, como o prazer, reprodução, prevenção, não se limitando apenas a um contexto social. Em 1980 foi um grande marco para a Educação Sexual, após a ditadura militar e o início da abertura política para a sociedade, as mudanças também ocorreram no campo da sexualidade:

A década de 80 foi pródiga na veiculação de questões ligadas à Educação Sexual. A abertura política pela qual passou o Brasil trouxe significativas implicações no campo da sexualidade. Enquanto o povo fazia reivindicações políticas, escolhia seus representantes políticos e saía às

ruas gritando “Diretas Já!”, as revistas “eróticas” publicavam fotos de mulheres e homens nus, até pouco tempo proibido. Os cinemas exibiam nas grandes cidades os chamados sex. Shops. Surgiram também, enciclopédias e fascículos vendidos em bancas de jornal, todos destinados a responder a questões sobre sexo. Essa década trouxe novos comportamentos, onde preconceitos foram questionados, foram derrubados e sólidas tradições conservadoras foram abaladas. Nos anos 80 iniciou a transformação da visão da sociedade acerca da sexualidade, iniciou, pois, até hoje percebemos que as ideologias conservadoras da extrema-direita ainda permanece de forma “Extrema” na sociedade, a prova foi a implementação do MESP nas escolas no ano de 2018, algo que não deveria acontecer por ser um ano atual, se espera um avanço da sociedade e não um retrocesso. (SANTOS et al., 2021, p.17).

Dessa maneira entende-se que até a década de 80 a Educação sexual sofria certa repressão social, um dos motivos era questão religiosa visto que igreja católica possuía enorme censura em relação à sexualidade e grande influência sobre a sociedade. Após os anos 80 com o crescimento da mídia, filmes eróticos, revistas com mulheres nuas e todo o posicionamento da mídia, se tornou necessário a Educação Sexual como forma de evitar que imoralidade continuasse expandindo. De certa forma a inclusão da ES como debate foi algo obrigatório visto as circunstâncias transparecidas na época. Outro motivo "era a 'denúncia' da orientação sexual como imoral e subversiva". (MATANÓ, 1990, p. 34), orientação sexual era o termo utilizado na época para se referir a Educação Sexual, hoje considerado equivocado em razão do termo corresponder ao sentido de desejo sexual do indivíduo. A sexualidade vista como imoral e subversiva precisava de um limite aceitando a ES no currículo escolar como recurso para findar essa tal imoralidade

## **2.2 Educação Sexual na formação do professor**

O debate sobre a Educação Sexual na formação do professor é um dilema que se estende desde o início da discussão de implementar a ES no currículo, até nos dias atuais, juntamente com os motivos que leva a objeção como muitos professores afirmam não possuir preparação apropriada para orientar sobre a temática. Com isso, em 1992 em Londrina aconteceu a primeira formação com o intuito de preparar educadores sexuais. O curso tinha duração de 12 horas. Mas no ano seguinte, o curso sofreu certa rejeição em função de reclamações de alguns pais de alunos de uma determinada escola.

O curso passou a possuir uma carga horária de 40 horas pela justificativa de que 12 horas não era tempo suficiente para abordar a temática. Mas logo depois o

projeto também foi encerrado. Em seu artigo Figueró (1988) traz a importância do projeto para aquela época: “Era uma oportunidade ótima para que se desencadeasse uma abertura de discussão sobre a importância da Educação Sexual nas escolas, aproveitando para conscientizar professores, pais e a sociedade londrinense em geral” (FIGUERÓ, 1998, p.129). Camargo e Ribeiro (1999) mostram a importância da Educação Sexual incluída na formação dos professores:

Os currículos dos cursos de formação de professores e professoras deveriam conter falas e vivências sobre a sexualidade humana, despertando possibilidades do corpo e das emoções. Conhecer a sexualidade não significa aprender a estrutura dos genitais. Educação sexual centrada na genitalidade advém de uma educação que disciplina, organiza e concentra o prazer nos genitais; assim procedendo, anestesia o resto do corpo (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p.50).

Camargo e Ribeiro (1999) apontam uma crítica a formação dos professores, o tema que é significativamente indispensável nos contextos educacionais não é exposto nos cursos de educação e quando se é abordado de forma breve se limitando a questões sobre as partes íntimas do corpo, esquecendo dos demais aspectos da sexualidade. Segundo Matanó (1990, p. 90) por mais que a Educação Sexual não tenha sido proibida, as barreiras que é preciso enfrentar para incluí-la no currículo acaba dificultando a sua existência e implementação. Rocha (2012) complementa a percepção da inclusão da ES nas escolas reforçando:

A educação sexual ou da sexualidade nas escolas devem estar inseridas nos projetos pedagógicos curriculares, fazendo parte deste documento os conteúdos programáticos que continuam sendo um dispositivo que pode estar sendo incluído entre as técnicas de controle e transformação dos riscos sexuais ocorridos por falta de informação científica, criteriosa e educativa (ROCHA, 2012, p. 49)

Rocha (2012) refere-se ao oferecimento da Educação Sexual nas escolas como um projeto pedagógico dentro do currículo escolar. A importância de existir documentos e legislação como uma forma de assegurar o direito da criança e adolescente para que a temática seja apresentada nos espaços escolares. Os demais autores também buscam trazer que a importância da Educação Sexual inserida no currículo da escola, fazendo parte da rotina escolar das crianças, assim como referenciado anteriormente a PCN traz a ES como tema transversal, não em apenas um componente, mas como uma temática que deve divagar entre todos os espaço e componentes curriculares.

Para que isso realmente consiga acontecer, é importante que a ES faça parte da formação do professor, questionado pelas entrevistadas não introduzir o assunto em sala por não entender sobre a temática ou nunca ter visto em seus cursos de formação. Para que o educador discuta sobre em sala de aula, ele precisa antes de tudo conhecer sobre o que está falando, não basta apenas cobrar que seja implementado a ES na sala de aula, mas que exista profissionais capacitados para abordar a temática em sala.

Matanó (1990) reflete sobre essa formação a partir do projeto de Orientação Sexual implantado no ano de 1979 no qual seguia as devidas recomendações: "que o Orientador Educacional seja o coordenador do trabalho, que seja envolvida toda a equipe de professores, que seja garantida uma etapa de treinamento de técnicos e professores envolvidos " (MATANÓ, 1990, p.12). Matanó (1990) reafirma a aceitação do projeto com seguinte frase tirada das suas entrevistas:

acredita-se que, mantidas as condições existentes, dentro em breve a rede toda de ensino seria abrangida de uma forma natural, sem a necessidade de se baixarem normas ou decretos institucionalizando a orientação sexual nas escolas, o que poderia ocasionar resistências e deturpações para abarcar profissionais não sensíveis ao problema e a forma de tratamento da matéria. (MATANÓ, 1990, p.244-5)

Validando integralmente que é indispensável a formação do professor para orientar o seu aluno, como também converter o pensamento de preconceito e recusa que muitos demostram quando o assunto é comentado. É necessário que o professor não pratique a intolerância acerca da temática, mas que se mantenha aberto para aceitar novas temáticas no âmbito escolar.

### 3 PROCEDIMENTOS

#### 3.1 Tipo de Estudo

Etimologicamente a palavra metodologia significa o estudo dos caminhos ou o caminho percorrido para chegar a algo, que neste caso é esta pesquisa. O dever da metodologia é exemplificar o passo a passo e todo o planejamento, seus recursos e métodos utilizados na pesquisa. Pesquisa esta que só é existente a partir da dúvida e um desejo de resposta. Segundo Gil (2007, p.17) “A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.”.

Após a escolha do tema, elaboração dos objetivos gerais, específicos e a elaboração da problematização da pesquisa, analisamos que a pesquisa tem abordagem qualitativa que não investiga os dados numéricos, mas contempla o conhecimento do grupo social pesquisado. Por isso, o título da pesquisa tem o enfoque na palavra perspectiva, tentando abranger todo o conhecimento das educadoras entrevistadas a cerca do tema Educação Sexual.

Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, na subjetividade das relações, processos e acontecimentos, se caracterizando em descrever, compreender, explicar a clareza das relações entre o global e o local; entre o mundo social e natural, respeitando o caráter interativo, aplicando estudos antropológicos e sociológicos.

A pesquisa qualitativa tem como natureza descritiva, com vistas à familiarização com o problema exposto, possuindo levantamento bibliográfico, sendo observado inúmeros materiais acerca da ES e sexualidade. A pesquisa se propôs realizar entrevistas com educadoras da instituição que trouxeram suas experiências e práticas baseando-se nos objetivos e problema da pesquisadora, analisando os exemplos estimulados para a compreensão geral da pesquisa. Segundo Gil (2007) a pesquisa descritiva descreve fatos, informações e ocorrências exatas de acordo com a realidade da pesquisa sem o ponto de vista e observação do pesquisador, utilizando a coleta de dados e questionários feitos a partir da pesquisa de campo.

### 3.2 Lugar do Estudo

A pesquisa de campo se qualifica pela investigação do pesquisador coletando dados junto a pessoas. A pesquisa foi realizada em uma Instituição de apoio localizada na Cidade de Juazeiro BA em um bairro periférico, foi optado por proteger a identidade do local não incluindo o nome da instituição na pesquisa, a instituição acolhe crianças de baixa renda, muitos sobrevivem da coleta de lixo no lixão existente no bairro, incluindo crianças e adolescentes de todas as faixas etárias. Moradores do bairro contam que já testemunharam diversas vezes crianças voltando do lixão comendo sobras de comida, assim como algumas demonstravam estarem desmotivadas devido a abusos sexuais sofridos.

Pensando em minimizar a violação dos direitos já citados acima, a instituição fora fundada no ano de 1998 por uma funcionária aposentada da caixa econômica e um grupo a qual tinha como objetivo ajudar comunidades vulneráveis e carentes. Após a análise de aspectos burocráticos como a obrigatoriedade dos fundadores de ceder um patrimônio, a fiscalização e a prestação de contas ao Ministério Público (MP) para devidas transparência, seriedade na Gestão e na aplicação dos recursos recebidos foi dado início ao projeto. A instituição iniciou com uma quantidade de alunos bem reduzidos, considerando que não existia a parte escolar, mas com a vulnerabilidade e a grande necessidade dessa comunidade o grupo insistiu na existência da parte educacional.

A instituição hoje faz parte da extensão de outras escolas a berçário, Educação Infantil e Ensino Fundamental. A instituição se mantém através de doações (não apenas em dinheiro), pequenos eventos realizados, dos bazares, da comercialização de bolos e tortas produzidos pela instituição. Em uma das visitas de empresários, a diretora contou o seu sonho iria muito além, sua maior preocupação é para onde essas crianças iriam após concluir o Ensino Fundamental I., Pois, eles praticamente moram na instituição e só vão para casa Dormir. O que aconteceria ao final do 5.º ano? Provavelmente ficariam “ociosos” e que se pudesse construiria um Centro de especialização para que no turno oposto eles pudessem fazer cursos. Sendo que no dia seguinte apareceu um engenheiro, arquiteto, materiais de construção a mando de empresário.

Nos dias atuais, os cursos são abertos para a comunidade e conta com o curso profissionalizante de cabeleireiro, manicure, barbeiro e entre outros. Essa parte física é toda mantida por doações. Os professores, recursos humanos, todos

são mantidos pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF). A merenda vem através do Ministério da Educação (MEC), através da Secretaria de Educação de Juazeiro — BA (SEDUC). Também dispõe de recurso do Programa de autonomia financeira (PROAF) um recurso do município. Ao conhecer toda a história e o espaço da instituição, foi acordado pelas duas partes participantes (pesquisadora e instituição) de que a coleta de dados dessa pesquisa seria realizada na instituição.

A instituição atende diversas faixas etárias, desde o berçário até o ensino fundamental 1 (1.º a 5.º), mas a pesquisa focou-se apenas nas turmas dos 3.º e 4.º ano, por compreender que as professoras norteiam a aprendizagem de alunos que ao iniciarem nos anos iniciais do Ensino Fundamental passaram pelo período de isolamento da pandemia da Covid-19<sup>3</sup> levando ao ensino remoto que diferente do Ensino à distância (EAD) sendo vídeos gravados. O Ensino Remoto tem as suas aulas transmitidas em tempo real, mas ainda de forma online. Os alunos das turmas de 3.º e 4.º estão passando além das dificuldades nas questões do aprendizado, passam pelo deslocamento do ensino remoto para o presencial, do ensino infantil presencial, para o ensino fundamental presencial e ainda precisam lidar com o início da puberdade. Existem duas turmas de 3.º ano, sendo diferenciada pelas letras A e B e apenas um 4.º. A pesquisa foi realizada com as professoras responsáveis pelas turmas e a coordenadora pedagógica da instituição.

### **3.3 Participantes**

Foram convidadas para participar do estudo 5 professoras do Ensino fundamental, três especificamente do 3.º e 4.º ano. Uma percorre em todas as turmas do Ensino fundamental e a coordenadora do Ensino fundamental da Instituição. Das 5 apenas 4 aceitaram participar, uma delas justificando não possuir formação adequada para responder sobre o tema. Desse modo, faz-se relevante conhecer um pouco sobre as participantes do nosso estudo:

---

<sup>3</sup> Covid - 19 A pandemia de COVID-19 surgiu da doença por coronavírus detectado pela primeira vez em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan na China, a doença surge com sintomas gripais com agravante como problemas respiratórios grave.

- A participante P1 é Baiana de Juazeiro- BA tem 50 anos, casada, 3 filhos e Licenciada em Pedagogia. Sua formação inicial foi o magistério, graduando-se em Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e se especializou em Orientação e Supervisão escolar. Atualmente está com a turma do 3.º ano lecionando todas as disciplinas.
- A participante P2, também iniciou a carreira no magistério migrando para a Pedagogia. Tem 42 anos, nasceu em São Paulo e se mudou para a Bahia ainda pequena. É casada, mãe de dois filhos, uma menina de 12 anos e um rapaz de 22 anos, Tem Pós (graduação) em Psicopedagogia, e atualmente leciona na turma do 4.º em todas as disciplinas do ensino básico. A participante P<sub>3</sub> é solteira. Não tem filhos e é Pernambucana, de Petrolina. Licenciada em Artes Visuais na Universidade Federal do Vale do São Francisco, tem 23 anos e leciona do 1.º ao 5.º ano apenas a disciplina de Artes.
- A nossa 4ª e última participante, P4 é a coordenadora da instituição, iniciou a vida educacional ainda muito cedo e se graduou em História. Depois para realizar seu sonho fez Pedagogia e se especializou em Coordenação Pedagógica. É casada e mãe de 2 filhas e tem mais de 50 anos.

O critério de inclusão da pesquisa foi: ser educadora da Instituição no Ensino Fundamental 1, ou seja nos anos iniciais e que estivesse em contato principalmente com as turmas do 3.º e 4.º ano. O critério de exclusão eram as participantes que não possuísem vínculo com o 3.º e 4.º anos da Instituição não poderiam participarem do estudo.

Os nomes dos participantes aparecem como: P1, P2, P3 e P4 para preservar a identidade das educadoras, todas do sexo feminino e que trabalham na Instituição, apesar de trabalharem no estado da Bahia em Juazeiro, nem todas as entrevistadas nasceram no município onde trabalham.

**Tabela 1** - Participantes do Estudo

Participante	Naturalidade	Estado Civil	Filhos

P1	Juazeiro Ba	Casada	3 filhos
P2	São Paulo	Casada	2 filhos
P3	Petrolina Pe	Solteira	0 filhos
P4	Abaré Pe	Casada	2 filhos

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

Das 4 participantes apenas 1 é natural de Juazeiro Bahia, 2 migraram para o Município e apenas uma não mora atualmente em Juazeiro Bahia. Em relação ao Estado civil das participantes, 3 de 4 são casadas e possui filhos e apenas uma é solteira e não possui filhos. E apesar das 4 possuírem o Ensino Superior Completo, não possuem o mesmo curso de graduação.

**Tabela 2** - Formação das participantes

Participantes	Formação inicial	Ensino Superior	Formação Continuada
P1	Magistério	Pedagogia	Orientação e Supervisão escolar
P2	Magistério	Pedagogia	Psicopedagogia
P3	Licenciatura em Artes Visuais	Licenciatura em Artes Visuais	Nenhuma
P4	Licenciatura em Historia	Licenciatura em Historia e Pedagogia	Coordenação Pedagógica

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

Todas as participantes estão na área da Educação desde a formação inicial, tanto como Magistério quanto com matérias isoladas, como visto na P3 e P4 e

apenas a participante P4 não possui licenciatura em Pedagogia ou formação continuada.

### **3.4 Instrumentos**

A coleta de dados foi feita a partir de uma pesquisa qualitativa, utilizando-se de questionário sociodemográfico contendo nome que desejava ser identificada na pesquisa, sexo, idade, quantidade de filhos, estado civil, graduação, nacionalidade, formação inicial e continuada. Além disso, fora elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada contendo questões alinhadas com a problemática da pesquisa, objetivos geral e específicos, que se baseou na temática sobre Educação Sexual. As questões se basearam em identificar as perspectivas dos educadores acerca da Educação sexual, bem como as práticas desenvolvidas em sala de aula, se ocorreu reflexões de sobre a ES na formação inicial, ou fariam uma formação continuada para aperfeiçoar na sala de aula, assim como a ES envolvida no currículo da escola. O questionário semi estruturado contou com 13 questões.

A pesquisa também contou com a observação participante no qual a pesquisadora está envolvida nas atividades. Ninguém além da pesquisadora a qual escreveu esta pesquisa se envolveu tanto e observou a fundo cada passo dessa construção com o intuito de entender melhor a realidade social estudada.

### **3.5 Procedimentos**

A escolha do local da pesquisa ocorreu a partir do estágio supervisionado IV, de início a pesquisa seria realizada em uma outra Instituição, mas por motivos de burocracia e documentação não foi possível a realização neste espaço, visto que o estágio estava vinculado ao local de pesquisa, e por falta da documentação não foi possível adentrar ao espaço, me sendo proposto uma outra opção de local pela professora do estágio, foi realizada uma reunião com a coordenadora contando sobre o projeto que seria realizado na instituição durante aqueles dias. Após a caracterização do espaço foi decidido ficar na Instituição para a realização da pesquisa, possuía semelhanças no outro espaço como a vulnerabilidade das crianças. Ocorrendo a caracterização das turmas e dos professores em que realizei a pesquisa. Após a semana de observação ocorreu uma reunião com a orientadora

da pesquisa sobre as observações recolhidas nesse primeiro momento na instituição e se realmente ficaríamos com aquele espaço, seguido pela elaboração do questionário de pesquisa de acordo com os objetivos da pesquisa. Após a reunião e elaboração do questionário se deu o momento de voltar ao campo de estudo e iniciar as entrevistas semiestruturadas e gravadas. Após ir a campo, observar e entrevistar as educadoras, chegou a hora de iniciar a transcrição e leitura destas entrevistas foram realizada e categorizadas logo após a transcrição.

Os dados foram coletados na segunda semana do Estágio Supervisionado IV componente curricular da grade do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia em Juazeiro Bahia, sendo o que o mesmo local para Estágio foi o mesmo utilizado para a pesquisa de campo como para a avaliação final do curso ou o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a partir de entrevistas semi estruturadas que contou com 4 professoras da Instituição convidadas. E os encontros aconteceram de forma presencial, individualizado com cada participante e áudio gravados pelo aplicativo gravador do aparelho celular, na Instituição durante os intervalos das aulas, importante destacar que tanto o espaço, quanto as participantes autorizaram a gravação da entrevista. As entrevistas foram gravadas para facilitar a análise de dados, deixando a entrevistada livre para falar e não precisar se preocupar em pausar para a pesquisadora escrever, podendo fazer com que ocorresse perda do conteúdo.

A pesquisa contou com 13 questões que abordavam os assuntos como o currículo da escola e do município abordavam questões sobre a Educação Sexual, a intimidade do professor com o tema, como era introduzida na sala e se durante o período na faculdade eram vistos temas relacionados a sexualidade.

### **3.6 Análise de dados**

A análise ocorreu a partir dos dados descritivos acerca das respostas das educadoras da Instituição onde ocorreu as entrevistas. Sendo importante apresentar cada dado coletado que se aliam aos objetivos da pesquisa, mostrando a seriedade e clareza da pesquisa proporcionando melhor cada procedimento desenvolvido na pesquisa.

As entrevistas áudio gravadas foram escutadas e transcritas, foram ao todo cerca de 2 horas e 45 min de áudio, na transcrição levou cerca de 2 dias. O áudio foi

revisado mais de 1 uma vez para que não deixasse nenhum dado importante passar despercebido. Após todas as entrevistas serem transcritas foram desmembradas, separando de acordo com cada pergunta, a resposta de todas as participantes. EX:

**Tabela 3** - Identificação dos participantes

Pergunta 1: Nome?	Resposta:
P1:	Participante1
P2:	Participante2
P3:	Participante3
P4:	Participante4

**Fonte:** Elaborada pela pesquisadora, 2022

A análise de dados foi baseada na análise de conteúdo de Laurece Bardin um conjunto de técnicas de análise das comunicações, abordando os procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens com objetivo de observar o significado dos dados. A análise de conteúdo de Bardin também defende que a técnica e objetivo adequado precisa ser reinventado a cada ponto que o tema precisa ser necessariamente apresentado e a cada ponto apresentado surge novos questionamentos ao tema.

A análise de conteúdo de Bardin passa por quatro passos: pré-análise, exploração do material, categorização e tratamento dos resultados. A pré análise foi toda a organização do material que foi analisado com o objetivo de reunir as ideias sobre o tema central da pesquisa, como a leitura, a escolha dos artigos e autores, a formulação da problemática e dos objetivos. A exploração do material é restringir todo o material organizado na pré análise separados por tópicos retirados do tema central, como exemplo a base investigativa foi separada na história da ES, a formação dos professores e os conceitos da sexualidade, entrando para o próximo passo, a categorização. Por último foi visto o tratamento dos resultados, a

interpretação dos resultados, o pesquisador procura anentender os resultados e garantir que chegue ao leitor de forma clara e transparente (BARDIN, 2016).

Além dos dados já destacados foram feitas uma categorização a partir de estudos feitos da entrevista que sancionando os objetivos específicos da pesquisa. Destacaram-se quatro categorias: a Formação inicial x Formação continuada; percepção sobre Educação Sexual; Práticas docentes em Educação Sexual e Indicações curriculares sobre Educação Sexual.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Educação Sexual enfrenta inúmeros obstáculos para ser implementada na sala de aula. Muitos professores se sentem incomodados em abordarem a temática, alguns por não obterem formação necessária ou motivos religiosos. Mas a importância da ES perpassa ao relacionamento social, ampliando esse conhecimento de se relacionar com o próximo com respeito, visto que é na escola em que as crianças passam metade do dia. A ES na escola ainda traz a autoproteção para as crianças, os toques permitidos e não permitidos, o conhecimento e reconhecimento das mudanças do corpo e muitas vezes a escola se torna um refúgio, a rede de apoio mais próxima da criança, tanto por seu tempo na escola quanto o fato de na maioria dos casos de abuso acontecem em casa. Os resultados foram organizados a partir das seguintes categorias: formação inicial x formação continuada, percepção sobre educação sexual e práticas docentes em educação sexual.

### 4.1 Formação inicial x Formação continuada

O primeiro objetivo do questionário era analisar se as 4 participantes consideravam que na formação inicial foram oferecidos subsídios adequados para a temática da sexualidade na escola. Com as respostas do questionário foi possível perceber que em sua formação inicial não tiveram formação suficiente ou não foi trabalhado de forma alguma o tema para se adentrar em sala de aula.

A primeira pergunta que trazemos na análise, realizada as participantes foi: Considera que sua formação inicial lhe ofereceu subsídios adequados para a tematização da sexualidade na escola?

Nas respostas das participantes podem ser vistos:

*Não, não por que se eu for levar em consideração eu tenho quase 30 de formada e quando eu ainda estava na graduação não era algo dito como importante, na universidade nós trabalhávamos todos os outros parâmetros e aspectos, porém a Educação Sexual, não, de jeito nenhum.(P1).*

A participante P2 sinaliza que: *“Não, em nenhum momento, de tudo que eu fiz eu não cheguei a ver em nenhum momento sobre a Educação Sexual”*. Enquanto que a participante P3, indica que *“Muito pouco, da sexualidade ser trabalhada em sala de aula não, teve abordagem de gênero, o corpo, mas educação sexual mesmo não. Não tive isso.”* Já a participante P4 mostra que *“Não, nunca foi abordado sobre.”*

Com esses relatos identificamos que as professoras não possuíram formação inicial para adentrar a temática em sala de aula indo contra a lei prevista na LDB n.º 5.692/96 (BRASIL, 1971, p.1) Art. 1.º O ensino de 1.º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania. O que leva a possível formação continuada dando ao professor uma segurança maior para abordar a temática em sala de aula. Já relatado anteriormente por Camargo e Ribeiro (1999) os currículos dos cursos de formação de educadores deveriam conter falas e vivências sobre a sexualidade humana. Apesar da formação das educadoras acontecerem em tempos diferentes, algumas entrevistadas conta com 30 ou mais anos de experiência, como também foi visto pela educadora que chegou esse ano na instituição, apresentam um déficit na formação inicial sobre a temática, pois todas mostram não terem visto sobre a ES independente do tempo de formação.

Visto que a ES não foi abordada na formação inicial, se deu a importância de perguntar se as educadoras gostariam de uma formação continuada acerca do tema. Foi perguntado as participantes: Faria uma formação continuada em Educação Sexual se fosse ofertada pelo estado/município?

As participantes sinalizaram que:

*Sim, quanto mais a gente puder conversar, refletir melhor posturas, atitudes ações nos vamos ter na sala de aula, vai trazer só benefícios, na prática do professor, na sala de aula, para as próprias crianças, pois sabemos que tem profissionais que já tem uma outra visão e é importante que tenha isso compartilhado, só teremos ganhos.(P1)*

A participante P2: *“Faria, até porque eu não sei se o que eu estou falando com eles se eu estou correta, se é aquilo mesmo que eu deveria dizer, ou fazer um trabalho sobre isso, de como falar e orientar corretamente.”* A P3 afirma que *“Sim”* e

a P4 ainda completa afirmando que: *“Sim e ainda incentivaria o professor a participar.” P4: “Sim e incentivaria o professor a participar”*.

Camargo e Ribeiro (1999) apresentam que o currículo dos cursos precisam abordar a temática da educação sexual. É importante despertar a ligação do corpo com os sentimentos e mesmo que os professores não possam ter desfrutado da temática na sua formação inicial pode buscar a formação continuada, no qual o município garanta a questão de tempo reservado para tal aspecto. Pois muitas vezes o profissional da educação não consegue avançar na formação por estar dedicado ao trabalho na escola, uma vez que em 1997 o MEC oficializou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que segundo a LDB n.9.394/96, consideram que a orientação sexual (hoje Educação Sexual) é um tema social e urgente, que precisa ser contemplado no currículo do ensino fundamental. Se é essencial no currículo do ensino fundamental, por qual motivo não é ofertado no currículo de quem está preparado como formador? É um assunto que é preciso ser discutido e pensado para implementar na grade curricular dos cursos de formação de professor. Conforme os educadores da instituição quando foi abordado a questão da formação continuada ofertada pelo município, foi questionado se a ES era um tema negligenciado pelo estado/município? Assim como também fora perguntado: Você considera que o estado/município esteja negligenciando sobre Educação Sexual nos contextos escolares?

A participante P1 acredita que o município está sim, negligenciando a ES por não estar no currículo do município, principalmente por acreditar que se não estar é porque o estado não prioriza o assunto:

Eu acredito que sim, que a partir do momento, que vou falar especificamente do município, pois sou mais próxima. A partir do momento que não está no currículo automaticamente é como se não precisasse falar, não estar como prioridade como algo que deva ser tratado, ai fica realmente a cargo do que o profissional acha, de que forma ele pensa, de que forma ele vai conduzir. Do mesmo jeito que eu vejo dos meus filhos que eu não me recordo em nenhum momento de meus filhos chegarem, antigamente ainda tinha orientação sexual e um professor ou outro dependendo de como esteja o índice de adolescentes grávidas eles resolvem falar, que é de acordo com o índice de adolescentes grávidas, o índice de meninos gays, antigamente era mais aberto para discussão de questão de gênero e questão sexual, mas algo muito pontual, palestra, distribuir camisinha, só para dizer que fez, distribuir absorvente e não algo efetivo, uma ação planejada, pensada de forma coletiva pela equipe pedagógica e desenvolvida do início ao final, eu mesmo não consigo ver nada diferente, para mim sim, negligencia. Distribuir camisinha e absorvente não é solução, vai muito mais além. (P1)

A P1 acreditada que o município não prioriza o ES, primeiro por não ser uma temática introduzida no currículo escolar, segundo que quando acontece de ser comentado no espaço escolar é introduzido a partir de palestras, ou seja, quando acontece é uma vez no ano. Essas palestras acontecem como meio de intervenção, quando o assunto estarem em “alta”, quando o índice de gravidez precoce está alto, se faz necessário falar sobre o uso e distribuir camisinhas ou as ISTs. O estado só enxerga a ES quando ela se torna um “problema” e não uma possível solução. E como já relatado anteriormente Saito e Leal (2000) traz a ES como essa possível solução quando diz que há “necessidade de haver reflexão sobre as singularidades de cada faixa etária e sobre os fatores de risco.” Já a participante 2 discorre da palavra “negligencia”:

Não, negligenciando não é a palavra, eu não acho não, a palavra negligenciando não é adequada, não cabe, acho que falta alguma coisa, até porque eu acredito que no ensino fundamental 2 tem, eu acho que falto no 1 de uma forma mais leve, mas que servisse para orientar, mas negligenciar não acho não, a palavra seria atenção, falta atenção sobre o assunto.” (P2)

A P2 acredita que não seja negligencia do estado, pois acredita que possa existir a ES incluída em demais escolas no qual a faixa etária seja mais avançada. A P3 e P4 trazem ideias parecidas com a P1 e P3: *“De certa forma sim, pois é uma coisa que vai demorar ainda para ser dada a importância que merece ser dada, é um tema difícil, é tabu, deveria ser fácil, mas não é. Eu entendo que existem outras urgências, mas isso é estrutural.”* E P4: *“Acho que deveria ter um foco maior sobre isso”*.

## 4.2 Percepção sobre Educação Sexual

Como objetivo específico da pesquisa de analisar as percepções dos educadores sobre a ES, foi perguntado como uma das questões da entrevista o que significa a Educação sexual para elas.

A P1 acredita que:

*Educação Sexual para mim, é por que muitas vezes as crianças aprendem de forma equivocada, termos, cuidados e até mesmo descuidos. Então se a gente não orienta as crianças de forma correta elas correm o risco de até mesmo serem abusadas até mesmo sem saber que estão sendo abusadas, então eu acho que é até mais que importante, acredito que é um complemento em sala de aula se discutir Educação sexual com todas as crianças, independente até mesmo da faixa etária, mas respeitando a linguagem, não é um determinado tipo de linguagem que uma criança vai*

*entender e até termina despertando algo mais que ainda não está na hora mesmo de se discutir, mas acho muito importante se trabalhar. (P1).*

Para a P1 a Educação serve para orientar de forma correta questões relacionadas a sexualidade e que a falta de orientação adequada traz um risco a infância, como a maturidade infantil ou até mesmo os abusos que na maioria das vezes as crianças não conseguem identificar que estão sendo violentadas, indo contra os direitos delas.

Para a P2: *“Educação Sexual para mim, é você orientar o seu aluno sobre o seu corpo, suas partes íntimas, sobre o que se pode fazer com o seu corpo, acho que é isso.”* Ela traz a Educação como o reconhecimento do corpo, reconhecer os limites do seu corpo, respeitando.

A participante P3 sinaliza:

*Educação sexual para mim, significa desde cedo, desde sempre, ensinar, orientar o individuo quanto ao seu corpo, o respeito que as outras pessoas têm que ter ao seu corpo e ensinar ele a se defender da melhor forma possível, é muito mais amplo, eu falei isso de uma forma geral, mas é muito mais coisa. (P3)*

Assim como as participantes anteriores a participante P3 também traz a Educação Sexual voltada ao corpo. Louro (2000, p.73) no seu livro “O corpo Educado”, mostra a ligação da ES e o corpo no qual diz: “Os aparatos que dão significado ao sexo permitem que o conhecimento moderno ganhe controle do corpo e naturalmente, que o corpo resista e modifique o conhecimento moderno.” Ela ainda conclui fazendo uma referência a Foucault “enorme superfície em forma de rede na qual as estimulações dos corpos, a intensificação dos prazeres, o incitamento ao discurso, a formação de um conhecimento especializado, o reforço de controles e resistências estão vinculados uns aos Outros”. A P4 reflete acerca de:

*Uma formação, um preparo para quebrar os tabus, as formas erradas de compreender o que é sexo. Na minha época era vista como cheia de pudor, cheia de erros e de pecados. A educação sexual que precisamos na escola é para ensinar o certo reconhecer o seu corpo como valor e não como uma coisa de pecado, de erro, de prostituição, de desvalor. Acho importante que tenha nas escolas é uma educação que precisa ser dada de forma correta como valorização do corpo e uso correto do corpo sem ser como erro, com respeito. (P4)*

Podemos concluir que a partir dessa resposta da P4, ela traz uma reflexão do corpo, a educação e a religiosidade. Tanto para os tempos antigos quanto para os protestantes o corpo é visto como um templo e toda a questão da sexualidade do corpo para igreja é visto como pecado e pudor a igreja sempre gozou de muita

influencia e doutrinação da sociedade não descartando a educação, a igreja que não queria ter ligação com a sexualidade, também não permitia que os educandos possuíssem formação ligada a temática.

A Igreja católica constituiu um dos freios mais poderosos, até a década de 60, para que a Educação Sexual formal penetrasse no sistema escolar brasileiro. Em primeiro lugar, por sua posição claramente repressiva em matéria de sexo; em segundo lugar, pela posição de destaque que ocupou na educação nacional, através da manutenção e da ferrenha defesa de sua rede de ensino. Portanto, mesmo antes do final da década de 60, quando ocorreu no país um momento de hipertrofia de um autoritarismo moralista, o sistema de ensino nacional era bastante repressivo, tanto a veiculação de informações sobre sexualidade humana quanto a manifestação da sexualidade entre as estudantes". (ROSEMBERG, 1985, p.12).

As perspectivas da participante P4 coincide com as reflexões de Rosemberg (1985) acerca da igreja católica, sexualidade e Educação Sexual, sendo que as duas ultimas não possuem ideias semelhantes a Igreja Católica visto que a igreja não aprovava a sexualidade como manifestação natural e sim com repulsa e rejeição.

#### 4.2 Práticas docentes em Educação Sexual

Outro objetivo específico dessa pesquisa era investigar as práticas docentes acerca da Educação sexual em sala de aula, como as professoras abordam a temáticas em suas aulas ou se não abordam porquê. Visto esse objetivo foi questionado as participantes se: Na sua prática docente, você considera que há reflexões em torno da Educação Sexual? Se sim, poderia exemplificar? Se não, quais os motivos que te levam a se distanciar dessa discussão? A participante 1 conta que:

*Eu busco falar com eles de uma forma clara, dependente, pois a gente tem no currículo organizado conteúdos que nos dar condição de fazer essa abordagem, então sempre que é permitido principalmente da organização curricular, eu busco aproveitar o máximo possível aquilo ali, porém se a criança chega com dúvida eu não deixo em hipótese alguma que ela volte para casa com dúvida naquilo ali e entendo assim, tendo de usar uma linguagem que seja acessível para todos, independente de ser só um que venha com a dúvida eu busco sempre que possível, da melhor forma possível, com uma linguagem clara com eles. (P1)*

A participante P2 conta *"Falo por que eles estão vivenciados isso, a todo instante a gente pega crianças aqui de 9, 10 anos falando de sexo de uma forma muito natural então eu acho que sim."* A participante P3 sinaliza:

*Eu tento fazer da forma que eu consigo com os meios que eu tenho, chegam as discussões, às vezes de algum colega não ter limite com o*

*corpo do outro, pegar no bumbum, pegar em algum canto, e eu sempre tento dizer “não pode pegar aí porque é parte íntima, cada um tem que cuidar da sua parte íntima, não pode tocar, não é brincadeira”, mas é difícil ter uma conversa continuada sobre isso porque, eu trabalho com 10 turmas, e com cada uma delas eu só estou uma vez por semana, então eu estou menos vista por eles, só sou vista uma vez por semana, aí não tem aquela instância toda, mas sempre que aparece, surge algo eu não deixo de falar sobre isso, sobre respeito, tento falar dentro do meu conhecimento que é pouco. Geralmente não deixa de está ligado por que eu ensino artes, então sempre está presente. Mas não é uma coisa que eu chego falando sobre isso diretamente, eu tenho outros temas para tratar e tem a questão do tempo e do controle de sala. Eu acho que o que pode me distanciar é não ter sido ofertada habilidades na minha formação para tratar a questão da Educação sexual na sala. Se tivesse seria possível pensar nas aulas mais estruturadas para isso. (P3)*

A participante P4 *“Não, diretamente para mim não. Eu tenho que lidar com a falta de formação do professor a cerca disso. Pela época deles, pela formação que eles receberam que ficou enraizado.”*

Apesar de não ser abordado diariamente como algo obrigatório no currículo da escola, percebemos que as educadoras abordam da forma em que está ao alcance. Por não existir um momento para falar sobre como disciplina ou projeto da escola, por também não passarem por uma formação que abordasse a temática, as participantes abordam da forma que está na realidade da escola, quando surge oportunidade ou questionamentos dos alunos. E apesar de não perceberem, de certa forma elas trazem a ES como tema transversal abordado nos PCNs. Ainda foi perguntado: Quais são maiores dificuldades em aplicar essa temática em sala de aula?

A participante P1 não soube responder a participante P2 sinalizou ser: *“As palavras serem colocadas de uma maneira correta, eu tenho medo de falar alguma coisa ou me aprofundar e ultrapassar o limite, falar de mais, entrar em algum assunto que não seja adequado para eles, para a idade deles”*. Enquanto a participante P3 ser: *“Tempo e não ter formação”* e a P4 diz *“mudar a forma que eles já aprenderam de uma forma equivocada”*.

No geral conclui-se que as maiores dificuldades dos professores é não saber a forma exata de trabalhar o assunto em sala e por não terem tempo de aborda-lo, como também percebemos é que as crianças estão aprendendo sobre a Educação Sexual é equivocada e as educadoras além de ensinar a forma correta precisariam modificar a forma que já estão aprendendo nos dias de hoje. Visto tudo que foi discutido em relação a ES foi questionado as educadoras se conseguem perceber que a Educação Sexual envolvida no currículo escolar/proposta curricular? Como?

*Não, aquele professor que tem esse olhar, o cuidado que realmente se preocupa quando tem o questionamento da turma, que busca conduzir de forma correta, é ele quem faz, mas no currículo não vejo que está inserido, e dependendo do professor, de acordo com o que ele acredita, pode fazer igual os pais, bloquear (P1).*

Quanto a essa questão a participante P2 diz: *“Pelo menos no ano que eu ensino, não. Em nenhuma disciplina, nem em ciências, não tem esse assunto, deveria, precisaria ter pelo menos uma noção, mas não tem não”*. A participante P3 afirma que *“Eu vejo coisas relacionadas a convivência, a sociedade, mas educação sexual não, não vejo, se tiver é muito nas entrelinhas, escondido, não de forma explícita”*. Já a participante P4 apresenta que *“Na nova BNCC já tem, já está aparecendo algumas pinceladas, agora é preciso investir na formação do professor e envolvendo as famílias, só a escola ainda ficara alguma coisa desfalcada”*.

Conseguimos perceber que mesmo que elas abordem o assunto, tentem levar para a sala de aula, não é algo reconhecidos por elas como parte do currículo escolar. Mas deveria ser? Essa foi a próxima pergunta: se a Educação Sexual deve fazer parte das responsabilidades da escola? E Porquê?

*Eu acredito que sim, deveria sim, por que muitas vezes a criança não tem apoio, não tem com quem conversar e perguntar em casa e aí termina aprendendo de forma equivocada na rua, com o colega, com amizade. Linguagem inadequada que estando em sala de aula tendo uma educação adequada eles passam até a ter um outro comportamento, então eu acredito que sim, é importante ser trabalhado em sala de aula. (P1).*

*Eu acho que sim, porque a violência está em todo lugar e eles quanto mais o tempo passa mais cedo eles convivem com esse tipo de coisa, televisão mostra tudo, então eu acho que quanto mais cedo serem orientados, melhor. Por que educação sexual pelo que eu entendo é você conhecer seu próprio corpo, você passar a se conhecer, conhecer suas partes íntimas, para que serve e como uma gravidez indesejada, por exemplo, acho que isso possa contribuir para que não aconteça lá na frente, para serem orientados de como acontecer de que forma, com uma linguagem adequada para a idade, mas que tem que ter eu acho que tem que ter sim. (P2).*

*Para mim sim, porque a escola forma o individuo em todos, todos não, mas em vários aspectos em importante dele e a sexualidade é um fator importantíssimo, e muitas vezes a escola é infelizmente, tristemente o único refúgio que as crianças têm em relação aos seus abusadores, muitos moram com seus abusadores, são seus próprios pais, padrasto, enfim*

*parentes e se tivesse apoio da escola seria uma forma delas saberem, como e quando pedir ajuda. (P3)*

*Sim, tanto o professor precisa ter esse embasamento, como também passar para os pais e atingir todos os setores. De preferência que as professoras já venham da academia com esse conhecimento e aqui seja garantida uma formação continuada para reforçar. (P4)*

Foi unânime e todas as participantes concordaram que a ES deve ser uma responsabilidade da escola, por ser um espaço de formação, de formar o aluno não só na parte do saber, mas como cidadão, fazendo parte e convivendo em sociedade. Assim como a escola é o refúgio de muitos alunos que quando não são acolhidos em casa recorrem ao corpo pedagógico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito dessa pesquisa levava como finalidade descobrir as perspectiva e as práticas desenvolvidas por educadores de uma instituição de apoio infanto-juvenil acerca da Educação Sexual no ambiente no qual estavam inseridas. A pesquisa se deu com base teóricas de autores que trazem a temática em suas obras e a realização de entrevistas com as educadoras da instituição pesquisada.

O objetivo geral da pesquisa era compreender percepções e as práticas desenvolvidas na instituição, bem como os objetivos específicos que perpassa desde conhecer a instituição que foi realizada na primeira semana de pesquisa de campo, quanto identificar as práticas e percepções e analisar se corroboram com as leis e parâmetros da educação. A identificação dessas práticas e percepções foram identificadas a partir das entrevistas realizadas com as educadoras e comparada com os documentos vigentes a partir da análise de dados.

A pesquisa foi construída baseada na problemática de quais as percepções e práticas acerca da Educação Sexual são desenvolvidas por educadoras de uma instituição de apoio infanto-juvenil? E ao fim da pesquisa é possível perceber que as percepções dos educadores estão voltadas ao corpo educado, restringindo a ES as questões biológicas e físicas do corpo, e as suas práticas são desenvolvidas em sala apenas quando o aluno resolve questionar sobre ou na disciplina de ciência quando surge o assunto de cuidado com o corpo, higiene ou as partes íntimas do corpo e o professor aborda a temática muitas vezes com receio.

Do mesmo modo foi possível identificar durante a pesquisa o desconforto que os professores carregam em abordar a temática em sala de aula por não possuírem formação e recursos necessários. Em suas falas é possível notar que durante a formação não possuíram estudos significativas sobre a temática e não possui formação continuada que prepare para enfrentar certas questões.

Os maiores empecilhos da pesquisa foi encontrar uma instituição que estivesse disposta a participar do estudo, em função dessa temática possuir grandes tabus e referir-se a um tema polêmico as escolas costumam possuir um receio em

aceitarem projetos que abordem a ES. Contudo, foi possível constatar a importância de incluir a Educação Sexual no currículo escolar, como também ampliar a discussão da temática na academia.

A pesquisa foi conduzida em relação às perspectivas e as práticas desenvolvidas por educadores de uma instituição atingindo as expectativas aplicadas a pesquisa, oferecendo questões que futuramente pretende-se trabalhar tal como a Educação Sexual na formação do educador ou a Educação sexual introduzida no currículo escolar, seguindo a mesma linha de pesquisa iniciada por essa.

## REFERÊNCIAS

BARBIANI, R.. **Violação de direitos de crianças e adolescentes no Brasil: interfaces com a política de saúde.** Saúde em debate. 40. ed. Brasil: [s.n.], 2016. p. 200-211.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** 70. ed. São Paulo: Persona, 2016.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016.** Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016.

BRASIL. Secretaria da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. 174. ed. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.** Brasília, MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil:** Constituição (1988). . 2. ed. Brasília DF: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Diário Oficial da União, 1990.

BRUSCHINI *et al.* **Educação sexual e prevenção da gravidez.:** Gravidez na adolescência. 6. ed. Brasília: INPLAN | IPEA | UNICEF, 1986.

CAMARGO, A. M. F. de; RIBEIRO, C.M. **Sexualidade(s) e infância(s):** a sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Moderna, 1999.

DINIS, N.; ASINELLI-LUZ, A.. **Educação sexual na perspectiva histórico-cultural** Educ. rev., v.30, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602007000200006>.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Revendo A História Da Educação Sexual No Brasil: Ponto De Partida Para Construção De Um Novo Rumo. **Nuances: Estudos sobre Educação,** Presidente Prudente, v. 4, n. 4, 2009. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/84>. Acesso em: 14 dez. 2022.

FIGUERÓ, Mary Neide Damico. Revendo a História da Educação Sexual no Brasil: Ponto de Partida para Construção de um novo rumo. **Nuances**: estudos sobre educação, Londrina, v. 4, n. 4, p.123-133, set. 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade - 1: A vontade de saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos**. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Rio de Janeiro, Imago Editora. 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J.H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**, Ano 29, v.5, 2013. p. 1-11.

LOPES, E. D. S. S; SILVA, I. D. O. D; SILVA, J. F. D. **Manual ABNT**: regras gerais de estilo formatação de trabalhos acadêmicos. 5. ed. São Paulo: rev. e amp, 2021. p. 1-109.

LOURO, G.L. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000

MINAYO, M. C. de L. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19. Ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ROCHA, P. A. J. **Educação sexual para adolescentes nas escolas**. 13f. 2012. Monografia Licenciatura em Biologia. Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2012.

ROSEMBERG, F.; PINTO, R. P. **A educação da mulher**. São Paulo, Nobel, Conselho Estadual, 1985.

SAITO, M. I.; LEAL, M. M. Educação sexual na escola. **Pediatria**, São Paulo, v. 22, n.1, p. 44-48, 2000.

SANTOS, A.L.R. dos; ASSIS, A. L. R.; MARRA, B.P.; OLIVEIRA, ME.P. **Educação Sexual no ambiente escolar**. 28f. 2021. Monografia Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário UNA Betim. Centro Universitário Unabetim. Instituto de Ciências Humanas, 2021.

SANTOS, M.; MIESSE, M. C.; DE CARVALHO, F. A. .; QUEIROZ, L.; SOUZA, V. de F. Escola sem Partido e as discussões de gênero e sexualidade: impactos curriculares. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 27, p. e35543, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/35543>. Acesso em: 14 dez. 2022.

SCALIA, A.C.M.A. **Um estudo histórico da educação sexual do Brasil colonial a partir das representações do corpo feminino encontradas em crônicas e xilogravuras do século XVI.** 113f. 2015. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2015.

## APÊNDICES

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS III  
CURSO DE PEDAGOGIA



#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos a Sra para participar da Pesquisa “Educação sexual: estudo das percepções e práticas desenvolvidas por uma instituição de apoio infanto-juvenil”, sob a responsabilidade da pesquisadora Hyandra Goreth Rodrigues Alves, orientado pela Profa. Ms. Clara Maria Miranda de Sousa, a qual pretende Compreender as percepções e práticas desenvolvidas dos educadores de uma instituição de apoio infanto-juvenil acerca da Educação Sexual. Sua participação é voluntária e se dará por meio de questionário sociodemográfico contendo nome que deseja ser identificada na pesquisa, sexo, idade, raça, se possuem filhos, estado civil, graduação, se possui alguma formação continuado ou especialização. E entrevista semiestruturada contendo questões alinhadas com a problemática da pesquisa, objetivos geral e específicos. Não há riscos de forma psíquica, social, religiosa ou cultural através de sua participação. Se a Sra aceitar participar, as respostas obtidas por esta pesquisa poderão contribuir para análise de dados sobre as perspectivas docentes com base na Educação Sexual Básica do currículo do estado. Podendo ser publicado e levando as problemáticas do assunto para dentro da academia e o curso de pedagogia, auxiliando futuros pedagogos.

Se depois de consentir a sua participação a Sra. desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. A Sra. não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração referente a esta pesquisa. Entretanto, caso a Sra tenha alguma despesa decorrente desta pesquisa será totalmente ressarcida pela pesquisadora responsável. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas a sua identidade não será divulgada, uma vez que será guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, a Sra poderá entrar em contato com a pesquisadora no seguinte endereço: Universidade do Estado da Bahia - Av, R. Edgar Chastinet, s/n - São Geraldo, Juazeiro - BA, 48900-000, pelo telefone (74) 98101-8393, ou ainda pelo e-mail: hyandarodrigues@gmail.com

#### CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação.

Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias originais, as quais serão assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

---

Assinatura da participante da pesquisa

---

Assinatura do Pesquisador responsável

Juazeiro - BA

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

1. Nome (Pseudônimo) escolhido para ser utilizado na pesquisa:
2. Sexo:
3. Naturalidade:
4. Idade:
5. Estado civil:
6. Número de filhos:
7. Escolaridade:
8. Profissão:

### **Roteiro de entrevista semiestruturada**

1. Possui formação continuada?
2. Para você o que significa Educação Sexual?
3. Considera que sua formação inicial lhe ofereceu subsídios adequados para a tematização da sexualidade na escola?
4. Para você, a educação sexual deve fazer parte das responsabilidades da escola? Por que?
5. Qual deve ser os objetivos da educação sexual na escola?
6. Na sua prática docente, você considera que há reflexões em torno da Educação Sexual? Se sim, poderia exemplificar? Se não, quais os motivos que te levam a se distanciar dessa discussão?
7. Consegue perceber que a Educação Sexual envolvida no currículo escolar/proposta curricular? Como?
8. Você considera que o estado/município esteja negligenciando sobre Educação Sexual nos contextos escolares?
9. Se pudesse mudar como a Educação sexual é vista, você mudaria? O que e como?
10. Faria uma formação continuada em Educação Sexual se fosse ofertada pelo estado/município?
11. Quais são suas maiores dificuldades em aplicar essa temática em sala de aula?
12. Você foi uma criança ou jovem que teve essa temática trabalhada em seu ambiente escolar? Se sim, conte-nos como foi essa experiência
13. Suponhamos que uma mãe chegue até você dizendo que o filho é muito novo para falar sobre sexualidade, o que diria a essa mãe? O que faria nessa situação?